

Reunidos neste livro, alguns artigos de Renato Mezan, previamente difundidos, ganham uma nova dimensão. Isto acontece porque, desde o título, é oferecida uma perspectiva capaz de potencializar cada um por separado, e o conjunto deles. As "figuras de teoria" seriam aquelas incidências imagéticas que, extrapolando o estatuto da metáfora, e para além do livre exercício da analogia, propiciariam benefícios epistemológicos na ilustração dos conceitos.

Assim, uma constelação de termos são convocados na tentativa de organizar o campo discursivo: figura, ficção, fantasia, metapsicologia, mitologia... Nos diferentes contextos, aludem a um tópico que convém situar no centro dos escritos em pauta: até que ponto a criatividade freudiana poderia ter dado conta - em maior ou menor grau - das erupções desiderativas, dantescas e imponderáveis que *Herr Professor* deixara em liberdade ao abrir aquela caixa de Pandora, por ele batizada de "inconsciente".

No trabalho inicial, titulado "As filhas dos filisteus", do que se trata é - numa carta a Fliess, de número 69- do reconhecimento de um lapso inadvertido. Não qualquer um, e nem sequer percebido pelo próprio sujeito em questão: nesta "pré-história da psicopatologia da vida cotidiana", só o

Figuras de estilo

Resenha de Renato Mezan, Figuras da teoria psicanalítica, São Paulo, Escuta|EDUSP, 1995, 154 p.

leitor, seja ele quem for, destinatário, editor ou resenhador, fica sabendo da irrupção de uma manifestação do psiquismo mais famoso do movimento psicanalítico. Numa única sentença, fazendo uma indicação bíblica que justificaria seu estado de espírito no momento, contemporâneo com o abandono da *neurotica*, isto é, a teoria da sedução da filha pelo pai, o missivista cometera três erros na mesma frase.

Teria escrito incerto por linhas tortas? Sem dúvida, mas não por falta de conhecimento. Sabe-se que, desde pequeno, as *Escrituras* foram para Freud o primeiro livro ao alcance dos seus olhos, a fonte do seu bé-a-bá. Inclusive, e antes até de aprender a ler bem, as gravuras e desenhos da edição disponível na casa paterna - a chamada "Bíblia de Philippson" - despertaram a curiosidade infantil, fornecendo o material iconográfico que mais tarde povoaria seus sonhos e sua imaginação. Portanto, a ignorância não poderia ser aduzida como motivo do engano.

Mezan também conhece suficientemente o texto sagra-

do, podendo então não apenas rastrear as palavras substituídas, mas, ao mesmo tempo encontrar alguma razão plausível para tais equívocos. É sua a hipótese de que haveria aqui um lapso em andamento, uma formação do inconsciente que mereceria, de jus, uma interpretação. Ora, o ensino é legítimo, como se comprova pela sua alegação que, de maneira consistente, supõe desejos se servindo de sobredeterminações para a sua realização literal. Fica claro qual seria a figura em jogo neste caso e, por extensão, a idéia do papel da subjetividade do autor na construção dos conceitos, ancorada num substrato imaginário.

O segundo ensaio, "Metapsicologia/Fantasia", coloca em primeiríssimo plano uma personagem bastante popular: a feiticeira, a bruxa, *die Hexe*, praticamente um arquétipo tanto histórico quanto folclórico. Ou literário, na hora de evocar o *Fausto* de Goethe. (Este último, diga-se de passagem, talvez o vulto de maior importância do panteão freudiano, indiscutido ideal do ego, o mais citado ao longo das *Obras completas*.) Mezan, por sua vez, cita Monique Schneider para pesquisar, através dos textos, o sentido da concepção do prazer, junto com as vicissitudes da pulsão, no intuito de sua "domesticação".

De todos os artigos do livro, este é o que mais interesse teria do ponto de vista

lacaniano. Na realidade, as fundamentações do mesmo se apoiam com solidez em Freud, e isto basta. Porém, sempre seria possível acrescentar uma outra ótica, dado que, quando se invoca explicitamente a "mitologia" pulsional, abre-se a porta para a argumentação especulativa, pelo menos no que tange a um pensamento que, ainda sem nada de metafísico, seria inevitável que fosse polêmico.

Em síntese, o pano de fundo para a precisão do conceito de *Trieb* é constituído pelo instinto, como contraste. Todavia, o que conta mesmo são as qualidades que os diferenciam: a constância da força (o instinto tem ciclos); a relação entre a libido e o desejo masculino (o instinto se apresenta como específico para cada sexo, atendendo à conservação biológica da espécie); depois e fundamentalmente, o vazio do objeto (o instinto enquanto conduta pré-formada aponta sempre a um objeto, imutável). Em seguida, haveria que fazer a distinção entre pulsão e desejo, a partir da ligação da identificação com este último: a falta do objeto fálico no nível do comple-

xo de castração permite que o desejo sofra a captura pelo desejo do Outro. Desta maneira, o desejo torna-se desejo de desejo quando se separa da demanda na fase fálica e, na medida em que pudesse ser satisfeito pela identificação, evidenciaria que a pulsão não tem a mesma chance.

Segundo Lacan, no seu escrito sobre "O *Trieb* de Freud e o desejo do analista", é necessário tomar a outra acepção do genitivo na expressão "o mito da pulsão", para se obter como resultado que as pulsões mitologizem o real. Tal operação consistiria em reproduzir "a relação do sujeito com o objeto perdido", constituindo o desejo. Em resumidas contas, se existisse como probabilidade a vinculação entre o sujeito e o seu objeto, a montagem da pulsão ficaria sem eira nem beira.

Destarte, a pulsão, construto fundamental, introduz o tema da satisfação por um viés problemático. E, como corolário, descortina a dimensão do gozo, o além do princípio do prazer, impossível por definição de ser metaforizado, ou seja, situado dentro do conforto de um limite "doméstico".

Na terceira parte do livro, "Sobre a psicanálise e o psicanalista", a tarefa de resenhar é checada, preto no branco, pelo próprio texto. Ele é, com efeito, composto por uma série de leituras efetuadas por Mezan ao longo do tempo, publicadas em diversos lugares sob o formato de resenhas. E, junto

com isto, o autor discorre lucidamente sobre o que seria fazer uma resenha, teorizando de maneira competente esta atividade às vezes corriqueira. De fato, duas perspectivas devem ser salientadas: a primeira, utilitária, faz da resenha uma peça de comunicação, para transmitir dados e informações, e para contextualizar e difundir o que consta como pretexto. Por outro lado, uma resenha deveria, tanto quanto fosse possível, fazer com que o seu leitor ficasse disposto a ler a mencionada obra, também. Neste sentido, sua missão fica devotada a suscitar o desejo, no pleno poder da função de causa. O saldo mínimo positivo seria constituído por uma referência comum ao resenhador e ao eventual leitor, sem partilhar, contudo, uma opinião unânime sobre as mesmas páginas.

Isto posto, e sem entrar no mérito da leitura que Mezan fez dos oito livros consignados no seu trabalho, esta oportunidade parece propícia para comentar criticamente pelo menos um deles. Publicado alguns anos atrás, *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, coletânea de artigos organizada por Paulo César Souza para a editora Brasiliense, merece certo elogio, mas sobretudo algum reparo. O que antecede vai por conta de grande parte dos escritos compilados, a maioria de peso, com especial destaque aos de Marilene Carone, cuja perda ainda hoje é lamentada, por ter sido alguém à altura da hercúlea tarefa que tinha se proposto: oferecer em português uma versão digna de Freud. Neste ponto, o livro parecer-se-ia render uma homenagem válida tanto à pessoa deste quanto ao seu pensamento. Até aqui, tudo bem,

mas por que a necessidade de atingir Lacan, desde a ironia do título da publicação, continuando depois com o artigo de Richard Wollheim? Este filósofo inglês, apesar dos seus dotes intelectuais evidentes, não foi capaz de entender quase nada das idéias do analista francês, o que o fez concluir em vários momentos de forma disparatada. Por isso, o livro é bom, sua leitura recomendável, etcétera, desde que o leitor seja advertido que, se não peneirar o trigo do joio, acabará lanchando gato enquanto pensa que é lebre.

Outra das resenhas é dedicada a *No princípio era o amor*, de Julia Kristeva. Aqui, Mezan percorre com elegância esta obra singular, de acordo ao tema e seu tratamento. A autora, com segurança e erudição, aborda a fé, um assunto delicado, ainda mais desde a alçada da psicanálise. É inegável que algumas das suas reflexões são bastante bem baseadas, através de uma visão lacaniana de Freud. O curioso é que ela chegue a reverenciar aquilo que, psicanaliticamente, deveria ser considerado do jeito mais profano possível, para não cair na ideologia, e muito menos no catecismo. Parece, entretanto, que em alguma encruzilhada Kristeva escorrega, e termina confundindo a fé com a crença.

Se, no primeiro caso, algo que é da ordem da função paterna nos põe em contato com o registro do simbólico, no segundo é o imaginário que toma conta da cena. Pois, em se tratando de conteúdos ideativos, entra em funcionamento o recalque como modo de precaução. A crença se organiza como uma asserção que, prescindindo de demonstração, tenta se eximir de ser refutada por qualquer tipo de prova. Aceitação simultânea da realidade condicionada pelas exigências do prazer, na pretensão de evitar conflitos: era aqui que Freud situava a

plena vigência do domínio da ilusão. Mas, para Kristeva, a fé é consumada como um *non plus ultra*. Para bem e para mal, ela deixa de interpretar o valor alienante do dogma que, em definitivo, permeia a totalidade do questionamento, pesando mais em termos sintomáticos do que teológicos.

Finalizando, umas poucas palavras sobre o derradeiro ensaio que fecha *Figuras da teoria psicanalítica*. Nele, Mezan realiza um serviço de utilidade pública, cotejando as concepções do originário de três eminentes autores, Stein, Lé Guen e Laplanche. Neste particular, disparando ou não o desejo de ler os originais dos referidos, vale o esforço minucioso, sem detrimento da agudeza conceitual, que também poderia tornar dispensável a leitura dos mesmos. Mas, justamente, o tema em si é tão instigante que levaria a um mergulho imprescindível, se este fosse o intuito. Quem sabe.

Oscar Cesarotto é psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise.